



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00

EDITORIAL

VOTAR: Direito è dever

No dia 17 de Dezembro vamos ter que votar na autarquia local, freguesia e concelho.

Como o acto de votar não é obrigatório, há muita gente que se abstém porque não quer estar para aborrecimento (há quem diga chatices) porque entende que essas coisas são só para políticos, porque os outros já votam, por isto e por aquilo.

Ora votar, sendo escolher, é muito masi do que isso. É declinar a favor de outrem a parcela de poder de que dispomos por sermos cidadãos de um país, neste caso, por pertencermos a uma freguesia e a um concelho.

Ora, nós, possuindo essa quota de poder, devemos extrair dele a

melhor vantagem possível. Mas que quota de poder? O poder de mandar. Enquanto cidadãos, nós portamos connosco essa capacidade de mando. Simplesmente, sendo onze milhões num país ou três mil e quinhentos numa paróquia, não poderemos todos dar ordens ao mesmo tempo. O egoísmo entraria em acção, o homo hominis lupus (o homem lobo do homem) viria ao de cima e esta vida seria uma selva.

Então cedemos essa quota de poder sobre alguém. É o que fazemos, votando. Votar é por outro lado escolher uma pessoa, sopesar as suas qualidades, conhecer ao mesmo tempo as exigências de um cargo e estabelecer a relação lugar/pessoa.

Todos acordamos em que há bons e maus dirigentes. E há maus dirigentes quando efectuamos uma má escolha ou nos abstivemos e permitimos que outros tivessem escolhido os dirigentes menos indicados.

Por isso devemos intervir na vida pública, ao menos, votando. Cumprimos um dever, usamos um direito e cedemos a nossa capacidade de mandar a quem melhor nos represente.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

FRANCISCO DIAS DOS SANTOS BORDA

(Continuação)

Diz-nos Querubim Evangelista⁽¹⁾ que Francisco Dias dos Santos Borda foi o quinto fundador do Hospital de Fão. Não percebemos bem esta frase. É que em Fão existiram vários hospitais. Dois conhecemos nós: o actual inaugurado em 1913 e o seu antecessor, erigido ali no Cortinhão, entre a igreja da Misericórdia e os Bombeiros (antigos), que por sua vez começou a funcionar em 1855, se não estamos em erro. Mais à frente confirmaremos estas datas.

E antes não houve hospitais? Às vezes temos ouvido dizer que o hospital de Fão já existia em 1600. O que existia era de facto a Misericórdia de Fão. Então o hospital e a Misericórdia não são a mesma coisa? O hospital é um dos serviços de Misericórdia. Mas historiemos um pouco.

D. Manuel I casou em 1497 com Isabel, filha dos Reis Católicos de Espanha. Como tivesse morrido entretanto o príncipe herdeiro do trono de Castela, D. Manuel e sua esposa ficaram automaticamente como seus herdeiros. Para prestarem juramento dirigiram-se os reais esposos a Toledo e Saragoça, em 29 de Março de 1498. Ora, durante a sua ausência, e «por comum consentimento dos estados», ficou como regente a D. Leonor viúva de D. João II «porque no reino não havia pessoa a que com mais razão se pudesse deixar o dele»⁽²⁾.

Por esta altura continuava a processar-se a centralização de poder,



que o mesmo é dizer que os senhores nobres estavam cada vez a perder mais o poder político e económico que ia passando para as mãos dos reis. Formou-se o exército real, foi surgindo o funcionalismo público e no campo da assistência assistiu-se a uma coordenação de esforços para reunir hospitais e dar maior protecção aos doentes, mendigos, velhos, leprosos, órfãos, abandonados e cativos, sob a égide dos monarcas.

FUNDAÇÃO DA MISERICÓRDIA

Foi na regência de D. Leonor, que decorreu de 29 de Março de 1498 a 9 de Outubro do mesmo ano, que a Misericórdia de Lisboa foi criada, dentro das ten-

dências centralizadoras da época.

O que era afinal uma Misericórdia? Segundo entendia a sua protectora, era uma confraria ou irmandade de cem homens «de boa fama, sã convivência e honesta vida, tementes a Deus, e guardadores dos seus mandamentos, mansos e humildes a todo o serviço de Deus e da dita Confraria»⁽³⁾ que se obrigavam a cumprir entre si e para todos e quaisquer necessitados as catorze obras de misericórdia.

O caro leitor recorda-se das obras de misericórdia aprendidas na catequese? Lembramos algumas: remir os cativos, enterrar os mortos, dar pousada aos peregrinos, dar de comer a quem tem fome, etc.

Naturalmente que a acção das Misericórdias foi-se adaptando aos tempos que foram surgindo, mas naquela altura a vida dos povos era diferente e bastante dura para os necessitados. A alimentação dos presos era assegurada apenas por esmolas. Os cadáveres dos enforcados *para sempre* ficavam expostos ao público até se desfazerem por putrefacção ou serem comidos pelos cães. Em chegando o Dia de Todos os Santos poderiam ser finalmente enterrados, se aparecesse alguma alma caridosa para realizar essa função. Os cadáveres dos negros ou escravos eram lançados nos entulhos de algumas praias.

Tempos de barbárie em que todas as obras de misericórdia eram mais do que precisas.

O provedor escolhido entre os irmãos nobres devia ser exemplar em tudo, «homem honrado, de autoridade, virtuoso, de boa fama, muito humilde e paciente»⁽⁴⁾.

D. Manuel procurou desenvolver misericórdias em todo o país. «Folgaríamos

(Continua na pág. 2)

FRANCISCO DIAS DOS SANTOS BORDA

(Continuado da pág. 1)

muito que em todas as cidades, vilas e lugares principais dos nossos reinos se fizesse a dita confraria de forma e da maneira que no dito regimento se contém.⁽⁵⁾

MISERICÓRDIA DE FÃO

Quando foi criada a Misericórdia de Fão? A de Esposende já existia em 1589, pois um documento existente no Arquivo Distrital de Braga diz que ela se obrigava à fábrica da ermida de Santa Isabel⁽⁶⁾. Não apareceu, o que equivale a dizer que se perdeu, o documento que estabeleceu permissão, consentimento e mandato à Misericórdia de Fão. Daí se poder deduzir a sua existência a partir de qualquer documento que a ela se refira. Assim, sabemos de um, datado de 1600, onde se diz que a Misericórdia de Fão é objecto de doação de um prédio rústico por testamento de Leonor Pires. E parece que antes desta doação a Misericórdia tinha já contraído a obrigação de mandar celebrar uma missa anual no primeiro domingo de Maio no altar de Nossa Senhora do Rosário da igreja paroquial.⁽⁷⁾

Estes documentos só significam que a Misericórdia local já existia em 1600. É suposição porém de Alberto Abreu que a data da fundação da Misericórdia de Fão deve andar muito longe da de Esposende. A velha rivalidade...

HOSPITAL DE FÃO

E agora vamos ao hospital. Quando se criou o primeiro hospital da terra? Per-

corremos os cinco fascículos do Boletim Cultural de Esposende (parece que agora politicamente, ou por mor da política, desaparecido) e compulsando o já citado estudo de Alberto A. Abreu, não vimos qualquer referência a um qualquer hospital à data da fundação da sua Misericórdia. Nem à data da sua fundação nem nos primeiros anos a seguir. Quem nos acendeu a primeira vela foi Teotónio da Fonseca — Esposende e o seu concelho onde se lê que o hospital da Misericórdia de Fão já existia em 1632. Mas, —a velha pecha continua— não nos diz onde foi buscar tal afirmação, o que nos remete para a dúvida e insegurança.

(Continua)

- (1) O Cávado de 1964.
- (2) Damião de Góis — Crónica de D. Manuel I. Livro I - Cap. 24 e 27 a 32.
- (3) Fernando da Silva Correia — Origem e formação das Misericórdias em Portugal.
- (4) Fernando da Silva Correia — Obra citada.
- (5) Alberto Antunes de Abreu — O Arquivo e as origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão in Boletim Cultural de Esposende.
- (6) Fernando da Silva Correia — Obra citada.
- (7) Alberto Antunes de Abreu — Obra citada.

SINAIS DE TRÂNSITO

É a terceira vez que chamamos a atenção de quem de direito para alguns sinais de trânsito em Fão. Aquele que indica trânsito proibido, junto ao Banco, é uma autêntica ratoeira. Os automóveis seguem para o Largo Manuel Magalhães ou avançamos de novo até à estrada n.º 13. Parece que não há vontade de que penetrem em Fão.

Também no sítio do Pacheco não há qualquer sinal a indicar Barcelos, Vila Seca ou Marachão.

É simples e praticamente sem custos aquilo que sugerimos. Mas é complexa a teimosia dos nossos autarcas. Até quando?

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Ora nesta altura em que já «cheira» a Natal, apeteçam umas aves «gordinhas» para ajudar o colesterol à desejada subida. Por isso, aí vai a receita do

PATO COM NABO, À PORTUGUESA

Corta-se o pato em pedaços. Numa caçarola faz-se um refogado com cebolas pequenas, cenouras em rodela, um ramo de salsa, sal e pimenta, e nesse refogado se deitam os pedaços do pato.

Tapa-se a caçarola, mexendo de vez em quando e, quando o pato estiver a ficar alourado, acrescenta-se o refogado com caldo e deixa-se cozer lentamente.

À parte, escolhem-se algumas cabeças de nabos, descascam-se e cortam-se aos quartos, alourando-se, em seguida, em manteiga. Depois, deitam-se no refogado, para embeberem no molho.

Serve-se depois de tirado da caçarola, o pato com os bocados de nabo a rodeá-lo. e para sobremesa:

PUDIM DE CASTANHAS

Castanhas, 1 quilo; Leite, 1 litro; ovos, 6. Cozem-se as castanhas, passam-se pelo «passe-vite», temperam-se com açúcar e misturam-se-lhe 2 claras batidas em castelo.

À parte faz-se um creme, com leite (já fervido com uma fava de baunilha), um pouco de chocolate e as gemas dos ovos.

Quando o creme assim obtido ficar frio, juntam-se-lhe 6 colheres do puré de castanhas.

Com o resto das castanhas em puré, faz-se num pirex a forma de um círculo, no centro do qual se deita o creme.

Cobre-se tudo com o creme restante e está pronto a servir.

E por hoje mais nada, senão os votos amigos de Bom Natal e Feliz Ano Novo da

TIA MARIQUINHAS.

BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL CONVOCATÓRIA

Padre Avelino Pinheiro Borda, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão:

CONVOCA, nos termos do n.º 1.º, do artigo 28.º, dos Estatutos, conjugado com o § único do artigo 24.º e artigo 22.º, dos mesmos Estatutos, todos os Senhores Associados da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, de ambos os sexos, para reunir, em Assembleia Geral Ordinária, no dia 30 de dezembro de 1989, pelas 14.00 horas, no Salão Nobre, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

I — Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1990.

II — Discussão e votação de quaisquer outros assuntos de interesse para a Associação que possam ser apresentados.

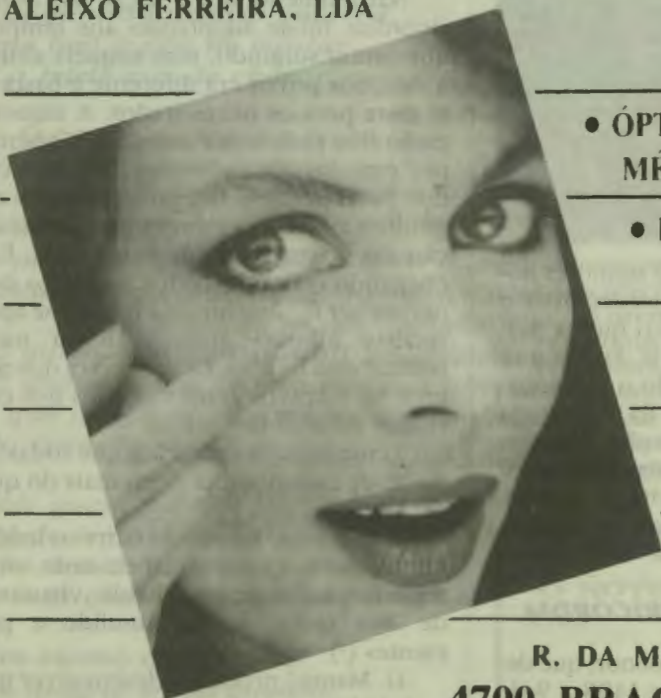
Caso, há hora marcada, não se verificar a presença de número legal de associados para que a Assembleia Geral possa funcionar, fica desde já a mesma convocada para reunir uma hora depois, com qualquer número de presenças.

Fão, 15 de Novembro de 1989.

O Presidente da Mesa,
Padre Avelino Pinheiro Borda

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



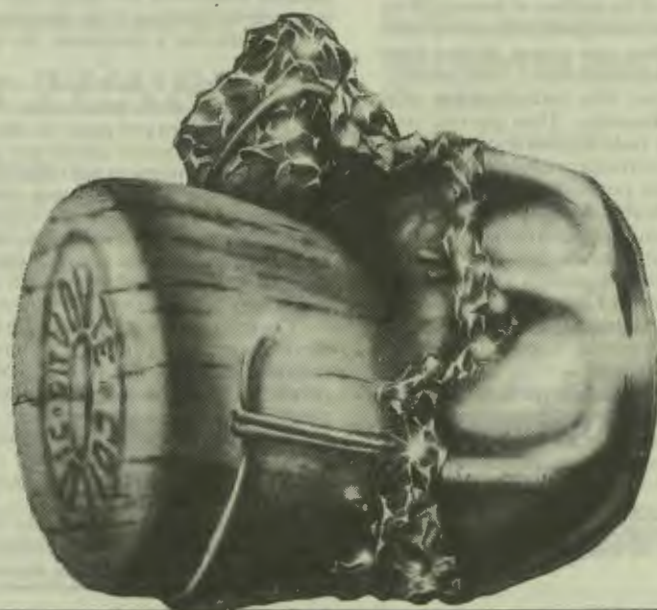
• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

1º Aniversário na PÓVOA DE VARZIM



Data do 1.º aniversário: 15 de Dezembro de 1989.

Parabéns a todos!

O, nosso primeiro ano na Póvoa de Varzim foi um sucesso. Devemo-lo, em muito, à preferência e confiança dos nossos Clientes, particulares e empresas.

Devemo-lo, de certo e também à excelente cooperação das mais diversas entidades da região e, em particular, da Póvoa de Varzim.

Obrigado a todos.

Parabéns a todos.



Banco de Comércio e Indústria, S.A.
um Banco de soluções

ELEIÇÕES

UM PS EUFÓRICO APRESENTA-SE À IMPRENSA

UMA NOITE DE GALA

No dia 11 de Novembro chegou a vez de o PS apresentar o nome dos seus candidatos às Juntas de Freguesia, Câmara e assembleia Municipal. Desta vez o local escolhido para o *rendez-vous* com a imprensa foi o Hotel Nélia, na sala da televisão.

Manuel Oliveira (Morais) coordenador concelhio reclamou a presença de todos os candidatos às várias assembleias de freguesia.

Depois foi a chamada dos candidatos à Câmara, tarefa então cometida ao dr. Juvenal que fez um recorte sucinto mas essencial do perfil de cada elemento. Seguiu-se o prof. José Luís que por sua vez leu o nome dos vários pretendentes à assembleia municipal.

Houve logo após um período de curtas intervenções dos vários elementos da mesa. O dr. António Pedras criticou o Governador Civil de Braga por ter incitado, numa sessão partidária anteriormente realizada na vila, as gentes do concelho a votarem no PSD pelo facto de o Governo adoptar a mesma sigla. Um Governador Civil, disse, deve tratar todos os cidadãos da mesma maneira. O mesmo tema e o mesmo toque foram dados pelo dr. Fernando Andrade que leu excertos de um jornal de Barcelos onde se criticava o Governador Civil por se ter apresentado numa sessão de apresentação de elementos do seu partido, nessa qualidade.

O dr. Agostinho Domingos começou por afirmar que conhecia vagamente o dr. Juvenal de nome, mas assim que o ouviu na conferência distrital de imprensa, em Braga, disse para si próprio: «Temos homem». Destacou sobretudo as qualidades de orador nato do candidato, o dinamismo que irradiava das suas palavras, o seu entusiasmo e uma grande fé no progresso da sua terra. Continuou dizendo que o dr. Juvenal Silva era o candidato certo para a Câmara de Esposende, câmara que o PS ia ganhar. Fez ainda um apelo para que os municípios de Amares, Braga, Barcelos e Esposende que vão ser presididos por autarcas socialistas e são banhados pelo rio Cávado, fizessem entre si uma associação exactamente para defesa de um rio que está quase moribundo.

A dr.ª Luísa Lamela declarou as razões por que se candidatava. Embora residindo profissionalmente em Braga e tendo nascido acidentalmente em Terras de Bouro, era Esposende que ele amava pois foi sempre a sua terra.

Sentia que podia dar algo de si a Esposende e isso ia fazê-lo na companhia do dr. Juvenal, um idealista (homem portador de um sonho) e ao mesmo realista (pragmático, homem de acção).

Mais tarde o dr. Juvenal revelaria que lhe estava destinado o pelouro da cultura.

O prof. José Luís rematou a série de intervenções prometendo trabalhar decididamente pelo concelho na Assembleia Municipal e dar cabal cumprimento ao programa que se apresentava.

Finalmente o dr. Juvenal Silva explicou as razões da sua candidatura. Começou por afirmar que já ganhou. Ganhou lugares na Câmara, ganhou a amizade de tantos amigos, ganhou para o concelho a onda de boas vontades que ali o cercavam. Saudou os anteriores candidatos à Câmara pelo PS: eng. Castilho, José Neiva, dr. Armando Saraiva e dr. José Bernardino Amândio.

Era um esposendense que amava profundamente a sua terra e ao assistir continuamente à luta entre os dois partidos que compunham a Câmara, criando-lhe um vazio de eficácia, pois com guerra e guerrinhas não se val a parte nenhuma, ele achava, impunha-se-lhe a obrigação moral de pôr fim a um permanente estado de beligerância e lutas. Era chegado o momento de se dedicar ao progresso do seu concelho, de Esposende, que para ele são as 15 freguesias que

o compõem. Criticou vários aspectos da administração actual relacionados com o turismo, habitação, saúde, cultura e prometeu fazer de Esposende um concelho moderno e respeitado.

Seguiu-se um logo debate entre a comunicação social e o candidato, tendo sido abordados vários temas de interesse local. Soubese que Esposende não dispõe de um hospital mas de uma unidade de internamento de apoio ao Centro de Saúde, onde não são permitidas quaisquer intervenções cirúrgicas. Entretanto o material clínico e o próprio edifício do hospital vão se degradando cada vez mais.

Seguiu-se o jantar onde tomaram assento duas centenas de pessoas, o que representava forte revitalização dos socialistas do concelho. À laia de sobremesa, realizou-se um programa de variedades em que tomaram parte apenas as pessoas presentes. Não foi propriamente um acto de variedades. Foi, sim, uma memorável noite de arte aquela que se viveu no Hotel Nélia no dia 11 de Novembro. Houve de tudo.

Piedade Silva declamou, dedicado a seu cunhado (dr. Juvenal), o famoso «Se», de Ruidard Kipling. Com uma dicção impecável, voz ora vibrante ora serena, com andamentos alternados, cortou a respiração àquela gente toda. Quando terminou o último verso, «então tu serás um homem», sem qualquer lapso memorativo, sem qualquer hesitação, antes pelo contrário, sempre fluente e determinada, a sala encheu-se de vibrantes palmas. Também o dr. Agostinho Domingos, contagiado pelo ambiente eufórico que se vivia, recitou o também conhecido soneto anterior «Sonho que sou um cavaleiro andante», que arrancou igualmente acalorados aplausos.

Sempre que havia uma «aberta», Luísa Lamela, regente, animadora, verdadeira *show women* do espectáculo, punha a «plateia» a cantar o slogan da candidatura «P'ra melhor só Juvenal/P'ra pior já basta assim», acompanhada com o som dos talheres a baterem nos copos. Muitas canções se seguiram, populares umas, com preocupações sociais, outras, mas todas bonitas. «Os meninos à volta da fogueira», «Uma gaivota, voa, voa», etc. Era tudo espontâneo, tudo de momento. Havia uma reciprocidade cultural entre a regente e o coro, pois as canções que a plateia sugeria, eram todas do conhecimento de Luísa Lamela e as que a ensaiadora propunha eram entoadas integralmente pelos presentes.

Não faltou o fado de Coimbra a cargo de Zita Saraiva e de António Lima. Ela com um toque marcadamente coimbrão; ele com uma voz cristalina que fez lembrar Edmundo de Betencourt.

Em determinado momento pediu-se silêncio. O mandatário do candidato à Presidência, Joaquim Enes, ia usar da palavra. Era o primeiro e praticamente o único discurso. Foi escutado em completo silêncio. Uma peça de belo recorte literário que no fim desencadeou novos aplausos.

Enfim, já ia avançada a noite quando as pessoas saíram da sala. A custo.

★

O dr. Juvenal Silva foi o grande triunfador daquela noite. O seu carisma era e é inofismável.

★

Os responsáveis socialistas do concelho também estavam contentes. A dinâmica de vitória trazida pelo dr. Juvenal revitalizara o PS. O seu eleitorado estava recuperado.

★

No início da pré-campanha tínhamos vaticinado para o dr. Juvenal um lugar. Era assim que pensávamos. Foi isso que dissemos.

Hoje o PS senta-se à mesa de igualdade com o PSD e o CDS. A ver vamos.

A LISTA DA CDU MOSTRA-SE À IMPRENSA

OPTIMISMO ESPERANÇOSO NAS HOSTES DO PCP-PVE

Com muitas dezenas de participantes de todas as freguesias do concelho, realizou-se um encontro dos candidatos do CDU com a imprensa no passado dia 17 de dezembro, na Estalagem Zende.

O candidato à Câmara Municipal, dr. Ferreira Capa, fez a apresentação dos restantes concorrentes aos vários cargos autárquicos: Câmara, Assembleia Municipal e Assembleias de oito freguesias (mais quatro em relação às últimas eleições).

Usou da palavra o dr. Joel Duarte. Chamou a atenção para o facto de em Esposende ser necessário investir nas estruturas básicas (água, saneamento, luz eléctrica. Em outras autarquias de gestão CDU (Seixal, Barreiro, Odemira) estes problemas já estão resolvidos podendo as Câmaras investir 60 a 70% das suas disponibilidades financeiras na Cultura e no Desporto.

Explicou a seguir os principais tópicos a fazer vingar na sua gestão se vier a ser eleito:

— Dinamizar e aprofundar a articulação com os movimentos populares e a participação das populações na vida da autarquia.

— Melhorar os contactos com a população, variando as maneiras de informação.

— Aprofundar e garantir os direitos dos cidadãos e munícipes de Esposende. O munícipe não deve ter medo de entrar na Câmara para requerer ou ser informado sobre assuntos que lhe digam respeito porque simplesmente exerce um direito.

— Planeamento municipal e inter-municipal, tendo em vista o relacionamento com os concelhos vizinhos, onde a defesa das águas do Cávado e do Neiva será uma constante.

— Assegurar boa qualidade dos serviços prestados a nível das infraestruturas básicas.

— Criação, movimento e difusão de equipamentos colectivos no campo do ensino, de assistência da cultura e do desporto.

— Melhorar a qualidade de vida urbana e rural.

— Preservar e melhorar o meio ambiente. Denunciar a marginalização a que é votada a sua candidatura por parte de alguns órgãos da Comunicação Social e referir que apesar das desvantagens económicas em relação a outros candidatos, a sua superará esses obstáculos com determinação e vontade de vencer.

Finalmente José Evangelista da CDU distrital fez um balanço da actual política concelhia. Referiu que a CDU já venceu ao apresentar listas as assembleias de mais quatro freguesias.

Criticou o candidato do PSD local que promete dispensar o carro e o vencimento que lhe caberão se for eleito, pois a CDU nem sequer pensa no dinheiro. O que preocupa o CDU é o progresso do concelho.

Verberou ainda a atitude de alguns membros do PS que espalham que a CDU vai desistir das eleições, dizendo que tal boato é falso e que a CDU não vai desistir.

Seguiu-se depois uma troca de impressões com os jornalistas presentes, findo o qual se iniciou o jantar que decorreu muito animado.

Do Partido do centro Democrático Social recebemos a relação dos candidatos às Autárquicas/89

CÂMARA MUNICIPAL — Laurentina Veloso Fernandes Torres Losa Faria; José Barros de Oliveira; José Armando da Cruz Carvalho; João Paulo de Castro Morais Gomes; Francisco Lopes Rodrigues Ferreira de Areia; Paulo Marinho Guimarães Martins do Pilar; José Igreja Azevedo; António Nogueira Afonso Pereira; Maria Emelinda Ferreira Rodrigues de Areia; António Raúl Guedes Vaz.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL — Rosa Cardoso Salgado Torres da Fonseca.

JUNTAS — ANTAS, Manuel Ferreira da Cruz; APÍLIA, Manuel Laurentino Losa Faria; BELINHO, Manuel Martins Ledo; CURVOS, José Maria Eiras Azevedo Costa; ESPOSENDE, Francisco Lopes Rodrigues Ferreira Areia; FÃO, Luís Gomes Viana; FONTE BOA, Romão Domingues da Venda; GEMESES, Manuel Martins Alves; MAR, António de abreu Martins; MARINHAS, Manuel de Jesus Ferreira Rodrigues de Areia; RIO TINTO — José Fernandes Cachada; VILA CHÃ, Albino Sampaio Boaventura.

PÁGINA JOVEM

PAUSA PARA SORRIR

Olá, jovens! Neste mês de Natal, vão para vocês os votos de muito Boas Festas, Feliz Ano Novo e ótimos resultados escolares. E, acima de tudo, o principal: muita saúde!

INVERNO

Por MADALENA MARISA FILIPE

É o fogo apagado pela tristeza, é a angústia da chuva a escorrer por entre as nuvens como lágrimas salgadas do choro de uma criança.

O barco é vazio, é plano como esta folha de papel, imitando as trevas da neve, que gela os corações solitários dos desprovidos de lar e de família que os aconchegue.

Lá fora, as pégadas ficam e, juntamente com elas, fica a lembrança de mais um Inverno que veio e que se foi, com a ilusão da vida de cada um de nós e com o decorrer das estações que rodam como um carrocel, sem princípio nem fim.

O TÚNEL

ENTREI NO TÚNEL
CINZENTO, NEGRO, SUJO
FUI CAMINHANDO E OUVINDO,
OUVINDO E OLHANDO.

NAS FESTAS E ENTERROS
OUVI PRECES E DISCURSOS
SENTI OS RISOS E OS MEDOS
SORRI AOS SONHOS DISTANTES E CONFUSOS.

VIA AGORA A CLARIDADE,
OUVIA UM RUÍDO FORTE.
SERIA A FELICIDADE
VENCENDO O PODER DA MORTE?...

PAULO SERAFIM

UMA VIDA

Uma vida, é como uma flor,
Que agora pode estar embelezada,
E no momento seguinte,
Pode estar desesperada.

Uma vida é um tempo,
Que se emprega bem ou mal.
Que tem tudo para ser bela,
Como um composto cereal.


Ter uma vida,
é ser um ser.
E é no espectáculo da tua vida,
Que terás que comparecer.

Por menos que gostes ou saibas da tua vida,
Nunca esperes dela alguma coisa,
Mas sim de ti.
Ela só te dá a sua asa.

É por essa asa, que a vida começa.

MARTA

**ESTA FOLHA TEM
O PATROCÍNIO DE:**

Impetus 

Quatro comerciantes conhecidos por roubarem no peso das mercadorias que vendiam, costumavam reunir-se no Café, ao fechar dos seus estabelecimentos, e assim foi nascendo entre eles uma certa amizade.

Com o passar do tempo envelheceram e foram morrendo. Ficou só o mais novo. Este, uma noite, viu em sonhos um dos amigos falecidos.

— Então, meu amigo! Que bom ver-te! — exclamou. — Tinha muitas saudades tuas!

Diz-me: estás no Céu? E está-se bem?

O outro respondeu:

— Até agora não tenho estado muito bem, pois tenho estado a cumprir o meu castigo por roubar no peso; mas agora, que já o cumpri, vou ser feliz no Céu.

— E qual foi esse castigo? — perguntou o outro.

— Foi dar um milhão de voltas sobre mim mesmo.

— Olha, já agora, és capaz de me dizer se sabes alguma coisa do nosso colega Serapião, que faleceu antes de ti?

— Sei, sim. Esse, como era o que roubava mais, está no gabinete de S. Pedro, a servir de ventoíinha...

★

Num desafio de futebol. Um espectador dá um murro noutro, que era partidário do clube rival do seu. O agredido, um homem franzino, volta-se para o agressor, um homem corpulento, e pergunta-lhe, apalpando a face dorida:

— Isto foi a sério ou a brincar?

— Foi a sério — respondeu o agressor.

— Bem me parecia — retorque o homenzinho agredido, voltando a sentar-se com ar tranquilo — porque não se brinca.

★

Zanga entre um casal. Diz a mulher, lamuriando:

— E pensar como tu gostavas de mim! Ainda tenho uma carta em que me dizias que, se te dessem a escolher, preferias viver no Inferno comigo do que no Céu com qualquer outra mulher!

O marido responde, filosoficamente:

— E como vês, querida, mantive a minha palavra...

(Continuado do n.º anterior)

(Continua)



MARÉ VIVA ELEITORAL NA COSTA DE ESPOSENDE

Continua muito vivo o período pré-eleitoral em terras de Esposende. Decorreu já a apresentação das listas candidatas aos cargos autárquicos e o desfecho sobre o partido vencedor mantém-se uma incógnita.

Até aqui a luta pelo topo cingiu-se aos dois partidos que têm sido Câmara nos últimos quadriênios: CDS e PSD. Já tivemos ocasião de afirmar que este último aspira desesperadamente a uma desforra com o seu rival de sempre. Desta vez, conta com um candidato que goza de grande prestígio sobretudo na parte sul do concelho.

O CDS apresenta-se na luta desfalcado do seu chefe carismático, eng.º Losa de Faria, e tem a obstruí-lo ainda os chamados «homens do presidente» que por toda a forma, artigos nos jornais, conversas de café, tentam desacreditar a actual direcção. Tem a seu favor a pessoa do candidato, actual presidente da Câmara que a partir do momento em que tomou posse começou a trabalhar para a sua imagem e conta ter incondicionalmente a seu lado a jurada fidelidade e amizade dos presidentes das juntas.

O PS veio baralhar os dados. Impulsionado pela fogosidade do seu cabeça de lista, cresceu a olhos vistos e há quem o sente à mesa das apostas em igualdade de condições com os dois principais opositores.

O PC aspira à manutenção do seu eleito-rado a não ser que a preocupação do voto útil desgaste a tradicional constância.

JUVENAL SILVA (PS): «Traremos a pacificação»

Quisemos ouvir os quatro candidatos e a todos fizemos as mesmas perguntas, com algumas adaptações de circunstância.

1 — Que crítica faz à actual gestão camarária?

2 — Se for Câmara, como vai proceder?

3 — O problema da água. Lembramos que o abastecimento de água é hoje o grande quebra-cabeças do concelho. A água da captação do Marachão está inquinada. O recurso são os poços particulares ou a água do Bouro onde se abastecem cafés e restaurantes.

O primeiro candidato a ser ouvido foi Juvenal Silva, médico ginecologista, com consultório na vila de Esposende.

Acusou a actual gestão, no que aos CDS respeita de: «Ineficácia e incompetência», pois procurou sempre «fazer o superficial, esquecendo o fundamental». No seu modo de ver não se «procurou o desenvolvimento equilibrado do concelho».

Por sua vez, o PSD com três elementos na Câmara nunca assumiu a sua obrigação de ser oposição consciente. Nunca foi alternativa para o CDS. Com efeito — continuou Juvenal Silva — a seguir à morte do eng.º Losa de Faria, ficou com a maioria pela aproximação do eng.º Marques ao PSD. Apesar disso, permaneceu tudo empenado, continuaram as guerrinhas, continuou a oposição sistemática só para combater o partido adversário, esquecendo-se os interesses reais do concelho.

E continuou: «O caso do Orçamento e Plano para 1989 foi escandaloso. Com efeito, o PSD chumbou-o e, passados três meses, apareceu um outro, decalcado do primeiro, sensivelmente igual. Houve ajustamento de verbas que não ultrapassaram os cem escudos. Foram gastos três meses em gestão



Laurentina Torres (CDS), Alberto Figueiredo (PSD), Juvenal Silva (PS) e Joel Duarte (PCP) — quatro candidatos numa disputa que se adivinha muito viva

parada. Ora isso é brincar à Câmara».

Mudando de tema. «Se formos Câmara traremos connosco a pacificação. Prometemos trabalho, muito trabalho, com dedicação e competência. Temos equipa para isso. Procuraremos mexer em todas as estruturas do concelho: abastecimento (de água), saúde, cultura, desporto, turismo. Queremos um turismo de qualidade e para todo o ano. Precisamos de criar centros de estágio, pavilhões, piscinas cobertas e aquecidas».

Impõe-se a redefinição de um Plano de Urbanização de Esposende, com regras muito claras onde se pode construir e onde a construção é proibida.

Cumprir elaborar um plano municipal onde não se façam promessas que depois não são cumpridas, como aconteceu com a gestão actual; nenhuma obra foi concluída e muitas não se iniciaram.

Temos que fazer uma Câmara aberta e dialogante. É preciso descentralizar os serviços camarários e dar mais responsabilidade e autonomia às juntas».

Quanto ao problema do abastecimento de água?

«É urgente fazer um estudo sobre a captação de água do Marachão e noutros lugares do concelho para que todas as freguesias possam dispor de água ao domicílio».

É importante uma política de boa vizinhança com outros concelhos banhados pelo rio Cávado, bem como uma política de sensibilização e fiscalização das fábricas poluidoras, pois temos que partir do pressuposto que enquanto houver fábricas a poluir o rio a água que nele se capta poderá estar permanentemente inquinada. É imperioso suspender a construção de quaisquer fábricas poluidoras do rio».

ALBERTO FIGUEIREDO (PSD): «Câmara funciona mal»

Auscultámos depois a opinião de Alberto Figueiredo, que concorre pelo PSD e é vereador da Câmara.

Criticou a actual edilidade, afirmando que «há diversos serviços que funcionam mal. Verifica-se uma desorganização total a nível de serviços. Os vereadores não têm pelouros distribuídos e a Câmara tem-se limitado nestes últimos anos a construir caminhos e a passar licenças. Não se fez nada de âmbito social, nem na habitação nem na educação: alguma coisa pela cultura, apenas».

«Se formos Câmara — assevera-nos o candidato social-democrata — darei particular atenção ao aspecto social e à habitação. Há zonas especialmente degradadas, onde as pessoas não têm possibilidades de viver decentemente».

«É necessário criar melhores condições para os alunos e estabelecer diálogo com os professores. Não se pode continuar no sistema em que se está. Penso que é preciso rentabilizar o turismo, melhorando as zonas onde ele se pratica e criando infra-estruturas em todas as terras que possuam praias. Na agricultura há gente em excesso. Temos que retirar essa gente do campo e pô-la a trabalhar noutros sítios. No sistema de minifúndio, para que um agricultor possa sobreviver terá que conciliar os trabalhos do campo com outros afazeres. Tenho fé na nova camada de agricultores que se está a formar e que vai projectar a agricultura para níveis da Europa».

«É importante fixar os nossos jovens que, acabando os estudos, não encontram aqui emprego. Há que incentivar a implantação de indústrias de ponta no concelho. Eu defendo que é preciso criar três zonas industriais no concelho: uma a Norte, outra a Sul e uma terceira no centro. A Câmara, através de facilidades na aquisição de terrenos, deve entusiasmar potenciais investidores».

— Sobre o problema da água?

«Eu defendi, na Assembleia Municipal, a criação de uma comissão formada pelas câmaras banhadas pela bacia do Cávado, pelo Ministério da Indústria, pela Secretaria de Estado do Ambiente e associações industriais. Esta ideia foi considerada lírica. Pensamos que, se se tivesse concretizado, a situação hoje estava melhor».

«O caso do abastecimento de água levanta dois problemas: uma coisa é a poluição do rio Cávado e outra a captação de água. Temos uma captação de água, sem tratamento, que ainda assim fica por um preço acima da média dos concelhos vizinhos. Eu penso que temos de construir uma estação de tratamento, independentemente da poluição do rio. Entendo ainda que devem existir soluções alternativas como a fonte de Santo António, em Fão, do Bouro, nas Marinhas e captações em outros locais para poderem funcionar em caso de cataclismo».

«O problema da poluição do rio vai demorar alguns anos a resolver».

JOEL DUARTE (PCP-PEV): «Desleixo e corrupção»

Chegou a vez de dar expressão ao pensamento do PCO-PEV, através do seu cabeça de lista, o advogado Joel Duarte.

Para este causídico, «a gestão da Câmara revelou-se personalizada, uma gestão caracterizada pelo desleixo, desinteresse, compadrio e corrupção. Bom reflexo de tudo isto foram as acusações, a censura, os in-

sultos e até mesmo as ameaças a que o povo de Esposende assistiu, ainda este ano, entre vereadores do nosso município. Esta situação deve-se aos exageros nos fretes e favores a amigos, à inércia e irresponsabilidade dos vereadores do CDS e do PSD.

— O que se propõe fazer, caso suba as escadas do município?

«Dinamizar e aprofundar as articulações da Câmara com o movimento popular e consequentemente a participação da população na gestão camarária».

Dar melhores informações às populações, garantindo os direitos do município, fazendo uma gestão aberta, participada e descentralizada.

«Dar oportunidades para todos na cultura e no desporto; abertura e transparência da gestão, respeito pelo cidadão».

«Criar infra-estruturas como uma rede viária, saneamento básico, distribuição de energia eléctrica a todo o concelho».

«Prosseguir o esforço de continuação, manutenção e funcionamento de equipamentos colectivos, ou seja, a nível de ensino, assistência hospitalar e ainda a nível da cultura e do desporto».

«Dinamizar o desenvolvimento económico regional e local, salvaguardar o equilíbrio ecológico, a qualidade do meio ambiente e o ordenamento equilibrado do território».

Sobre o problema da água:

«Já há muito que a CDU teria resolvido o problema do abastecimento de água pública, nomeadamente com a construção da estação de tratamento».

«Além disso, impediria o licenciamento de fábricas que lançassem efluentes para o rio».

«Procuraríamos um entendimento com a Câmara de Barcelos».

LAURENTINA TORRES (CDS): «Críticos têm ânsia de poder»

Finalmente, a candidata do CDS, actual presidente da Câmara Laurentina Torres. Como é óbvio, tivemos que adaptar a primeira questão e, assim, perguntámos-lhe como reagia ela às críticas dos seus opositores «críticos».

Respondeu-nos: «Eu entendo que as críticas que me são feitas partem de pessoas que não estão minimamente dentro dos problemas do concelho de Esposende e que têm, acima de tudo, uma grande ânsia de poder. É por isso que fazem uma crítica sem consistência, críticas que partem de pessoas que não têm o conhecimento pleno do que é a gestão de uma Câmara e quais são as carências efectivas do concelho de Esposende».

— Quais são os planos que tem para o próximo quadriênio?

— Durante estes três anos e meio que estive à frente dos destinos do concelho, fui-me apercebendo daquilo que são as carências básicas da região e daquilo que é prioritário para um desenvolvimento correcto e harmonioso. Agora tenho ideias claras sobre aquilo que é necessário fazer.

— Começemos pela água.

— Com efeito, considero prioritário para o concelho o abastecimento de água potável, quer através da expansão da rede actual, quer através de captações locais que trão fornecer o precioso líquido a todas as povoações. É um objectivo a atingir e uma vez que já dispomos de elementos de estudo que nos permitem avançar, penso que, a muito curto prazo, se concretize.

— O problema da água do rio está posto de parte?

— Não está. É um problema que vai ser ultrapassado, o que não quer dizer que, entretanto, não haja que abastecer o resto do concelho de água sem ser através do rio Cávado. Não vamos levar água deste mesmo rio para Vila Chã ou Forjães. A estação de tratamento está candidadata, obra a realizar em 1990, projecto que irá para cerca de 150.000 contos. A ETA (Estação de Tratamento de Águas) do Marachão é uma obra que tem que ser realizada. Será, portanto, para corrigir o PH, para melhorar as águas, mas atenção: ela não vai conseguir eliminar os metais (das tinturarias) nem tão-pouco impedir, na altura das marés vivas, que a água salinizada entre nos poços do Marachão. Para isso, está, neste momento, a ser feito um estudo, de modo a indicar

—nos qual vai ser a solução das captações do Marachão.

— Além da água do rio Cávado conta com outras fontes de abastecimento?

— Absolutamente. Neste momento, lançamos a concurso já o abastecimento de água a Antas e temos em estudo outras explorações locais. Vamos pensar, muito a sério, no abastecimento de água na Abelheira, que satisfará grande parte das Marinhas. Vamos pensar na captação de água para Vila Chã e Forjães. Assim, teremos todo o concelho abastecido de água. Mas há outras carências, sobretudo a nível de apoio à juventude, no âmbito da agricultura, para as quais temos projectos muito válidos mas que serão revelados em tempo oportuno.

(Jornal de Notícias de 4 de Dezembro)

OS ESTALEIROS NAVAIS DE ESPOSENDE E FÃO NOS SÉCULOS XIX E XX

No dia 18 de Dezembro realizou-se um Colóquio na Sala de Sessões da Câmara de Esposende para a apresentação do 1.º volume da obra que tem por tema o título em epígrafe, de autoria de Bernardino Amândio.

Foi o próprio autor quem falou sobre o trabalho realizado, as consultas efectuadas, os documentos a que teve acesso, os contactos que realizou com vários esposendenses, alguns já falecidos, e que lhe deram preciosas achegas. No final estabeleceu-se um diálogo entre o dr. Bernardino Amândio e algumas pessoas presentes que de certo modo complementou as informações dadas na palestra.

A apresentação do conferencista foi feita pela Presidente da Câmara que declarou estar o município receptivo a todas as iniciativas relacionadas com investigações da história local.

UMA ACHEGA À OBRA DE BERNARDINO AMÂNDIO

Ao ler o importante trabalho do Ex.mo Senhor Dr. Bernardino Amândio, «Os Estaleiros Navais de Esposende e Fão nos Séculos XIX e XX», verifiquei a ausência de alguns navios, no rol mencionado no referido livro.

Assim, tomo a liberdade de os referir e dar mais alguns elementos, relativos a quatro navios aqui indicados.

Esta informação foi colhida na obra: «Lista dos Navios da Marinha Portuguesa, referida a 1 de Janeiro de 1936», Imprensa da Armada, Lisboa, 1937.

NAVIOS CONSTRUÍDOS EM FÃO NO INÍCIO DO SÉC. XX

ANO	NAVIO	CONSTRUTOR	PROPRIETÁRIO	REGISTO
1876	JÚLIA III (HIATE-30,69)	J. C. M. BRANCO	CAMP. PORTUGUESA PESC. ATL.	LISBOA
1912	NAVEGANTE 2.º «EX-VOADOR» (LUGRE C/ MOTOR-37,83)	ANTÓNIO DIAS DOS SANTOS	RIBAUS, LDA.	AVEIRO
1915	VENCEDOR (LUGRE-38,12)	JOÃO BORDA	PARCERIA MARÍTIMA	PORTO
1917	CLARA «EX-ESPERANÇA»	JOÃO BORDA	COMP. DE PESCA TRANSATLÁNTICA	PORTO
1919	NAVEGANTE 1.º (PALHAB. C/MOT.-31,15)	JOSÉ DIAS DOS SANTOS BORDA JR.	FRANC. R. LOPES E DAVID SOUSA NUNES	FARO
1920	AVE-MARIA «EX-ESTRELA» (LUGRE-29,86)	JOSÉ DIAS DOS SANTOS BORDA JR.	EMPRESA MARÍTIMA SAGRES	PORTIMÃO
1921	PALMEIRINHA (LUGRE-33,57)	JOSÉ DIAS DOS SANTO	VELOSO PINHEIRO E CA.	PORTO
1922	TROMBETAS (LUGRE-39,32)	JOSÉ DIAS DOS SANTOS	SOC. COM. LUSITANA	FIG. FOZ
1923	PATRIOTISMO (LUGRE C/MOTOR-40,02)	JOSÉ DIAS DOS SANTOS BORDA JR.	PARCERIA MARÍTIMA DO DOURO	PORTO
1924	NAVEGADOR «EX-ESP. 2.º» (L. C/M-39,10)	JOSÉ LINHARES	PARCERIA MARÍTIMA DO DOURO	PORTO
1928	AVEIRO 1.º	DOMINGOS CARLOS FERREIRA	JOSÉ A. DA SILVEIRA PINTO	PORTO

ÓSCAR FANGUEIRO

NOVA GERÊNCIA



Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★

Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Pióza Júnior, 157 - Telef. 22011-27434 - Telex 33331 Latrav - 4900 VIANA DO CASTELO

COISAS DO FUTEBOL

Penso que a coisa mais importante sobre o futebol local foi a abertura da sede. Funciona lá igualmente um barzito que tem sido bastante frequentado. Os directores estão contentes. Depois vão colocar-se lá umas maquinas e isso tudo vai resultar numa receita para o Clube muito safável. A casa está bem arranjada, compraram-se móveis, fizeram-se arranjos e tudo dá um ar agradável. E criou-se mais um local de convívio em Fão, a bem do futebol e a bem da terra.

A situação económica do Clube não tem sido preocupante. Tem havido ajudas daqui e dali, sobretudo devido ao momento que se atravessa.

Quanto a resultados, o Fão jogou em Cervães e perdeu por 5-2. Foi só um acidente de percurso. Campo pequeno, com um autêntico lamaçal a servir de piso, os nossos jogadores que são em regra leves, não se adaptaram, isto é, não puderam fazer um futebol alegre e ligeiro que lhes é propício. Aquilo era chuto p'rá frente e fé em Deus. Não temos equipa para jogar assim em campos lamacento-

tos. A seguir realizou-se um jogo em casa que foi interrompido e portanto adiado, por causa do mau tempo. Depois fomos jogar a Lousado e fizemos 0-0, o que se pode considerar um bom resultado. No penúltimo sábado jogamos em Palmeira com o Estrela de Faro. No intervalo estávamos a perder por 2-0, mas no final acabamos empatados. Houve um penalty em cada tempo, um a favor do Estrela (1.ª parte) e outro a favor do Fão, depois do intervalo. Não vi o 1.º (cheguei só ao intervalo) mas disse-me pessoa de confiança que foi um bocado forçado. A segunda falta, que eu já pude ver, pareceu-me também exagerada, mas o árbitro deve ter agido por compensação.

Se o resultado em Lousada foi bom, o empate conseguido em Palmeira já não foi tanto, pois o Fão tem melhor equipa, mas eu parto do princípio que tudo o que for fora, desde que não seja perder, é sempre bom.

Parece que há perspectivas de o filho do Zé Barbeiro, por aquilo que ouvi ao pai, vir para Fão. Parece que se gorou um qui-pro-quo entre o S. Paio e Gandra e para que não haja vencidos nem vencedores, a solução encontrada chama-se C.F. Fão.

Quanto à classificação, o nosso clube mantém intactas as aspirações de subir de divisão, o que acontece com o Apúlia e Necessidades. Como sobem quatro, tudo é possível.

JOÃO PEDRAS

FALECIMENTO

No mês de Novembro faleceu em Fão Maria Fernanda Trindade.

À família enlutada os nossos pêsames.



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhoas. Terrazos. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.



Longa Vida

o que é bom da natureza



A BRASILEIRA PORTO

Nós somos café

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A valiosa coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em meios somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria gramatical, como da especialidade etimológica, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que sustentaram esta edição em meio de duas páginas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4098 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COMBRA CODEX
IMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

o maracujá amarelo é uma planta muito semelhante à anterior, afirmando alguns autores ser mais vigorosa. Distingue-se daquela por apresentar nas folhas, ramos e gavinhas, uma pigmentação difusa de coloração verme-

lha, purpúrea ou rosa; os frutos, são maiores, e de coloração amarelo-canário brilhante e não purpúreos, como no caso anterior; a polpa é algo mais ácida, envolvendo sementes pardo-escuras. O hábito de inflorescência é diferente do maracujá roxo, uma vez que esta forma abre as flores ao meio-dia e fecha-as após as 20 horas. O fruto, tal como na espécie anterior, cai da planta quando maduro.

As flores dos maracujazeiros são hermafroditas, porém auto-estéreis, necessitando, por isso, de polinização cruzada para frutificarem; como regra a polinização é conseguida eficientemente pelos insectos, uma vez que o vento é um péssimo agente polinizador dado o grande peso do pólen destas plantas.

Como atrás se referiu, em virtude da abertura das flores, destas duas formas, se processar de maneira desfasada há pouca possibilidade de cruzamento entre elas.

Logo que as plantas se começam a desenvolver horizontalmente nos suportes sobre que se firmarão, tem início a floração e a frutificação, o que, em condições favoráveis, ocorre 12 a 14 meses após a sementeira; o período que medeia entre a polinização da flor e a maturação do fruto compreende 60 a 80 dias.

3 - CLIMA E SOLOS MAIS FAVORÁVEIS

O maracujá cresce e produz durante todo o ano, devendo notar-se, contudo, que regiões sujeitas a chuvas intensas e frequentes não se prestam à cultura, uma vez que a polinização será muito difícil, dada a característica do pólen desta planta estourar em contacto com a humidade.

A planta resiste bem à seca, sendo, no entanto, o seu desenvolvimento e frutificação bastante retardados sob estiagens prolongadas.

Os maracujazeiros desenvolvem-se bem numa faixa de temperatura que vai de 14 a 32,2° C; perto dos 14° C o crescimento do maracujá roxo é muito reduzido em relação ao maracujá amarelo, enquanto a mais de 32,2° C as duas variedades se mostram cloróticas e raquíticas.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Azubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

Os locais sujeitos a ventos mais fortes que os moderados devem evitar-se pelos prejuízos que causam, não só directamente à plarita, prejudicando a brotação nova, como também por dificultarem e onerarem o sistema de condução, o qual sofrerá uma forte pressão devido às ventanias.

A planta cresce e frutifica bem entre os 400 e os 900 metros de altitude; no entanto encontra-se, por vezes, em frutificação a 3.200 metros acima do nível do mar.

O maracujá não tem grandes exigências quanto ao solo, mas desenvolve-se melhor se este for profundo, leve, fértil, bem drenado e de pH superior a 5; os terrenos encharcados são, no entanto, impróprios para a cultura.

4 - PROPAGAÇÃO VEGETATIVA

4.1 - MÉTODOS

O maracujá pode ser multiplicado por semente, por fragmentos do caule e por enxertia de fenda cheia.

Optando-se pela propagação por sementes (propagação sexual) necessário se torna que sejam frutos maduros, grandes e são. Após a escolha das sementes remove-se a película gelatinosa que as envolve, podendo, para o efeito, ser friccionadas numa superfície um pouco áspera e devendo, em seguida, ser lavadas e secas à sombra. Aconselha-se, como operação imediata, a desinfecção por via seca (pó) ou via húmida (aquosa), pois só assim se podem controlar as podridões causadas pelos fungos.

A multiplicação por fragmentos do caule (assexuada) somente é de praticar quando se queira manter um tipo bem definido de planta. As estacas devem ter 3 nós e ser colhidas da parte central dos ramos, no período de crescimento activo da planta.

A enxertia aplica-se quando da ocorrência de nemátodos no solo, caso em que se

DEZPC



BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,
(Cleopatra

EM PORTUGAL

(- AMARELAS: Berber, Concurrent,
(Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
(Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. - PORTUGAL, LDA.

Apartado, 259

Telefax (034)311912

3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

usará a *P. laurifolia* como cavalo, o qual é tolerante a estas pragas. Na Austrália e na África do Sul usa-se a enxertia de *P. edulis* sobre o *P. edulis* var. *flavicarpa* como método de controlo do «fusarium», uma vez que esta variedade é resistente ao fungo.

4.2 — ESTABELECIMENTO DO VIVEIRO

Obtidas as sementes, que não devem ter



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA

PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DDUGLAS® E CHANDLER®

(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

mais de um ano, colocam-se quatro em cada um dos sacos de polietileno, que estão à venda para o efeito, onde previamente se terá colocado uma mistura, em partes iguais, de estrume bem curtido e terra fina, após o que se cobrem as sementes com cerca de 1 cm de idêntica terra fina, fazendo-se posteriormente a eliminação das plantinhas mais fracas.

O viveiro deve ser feito em Julho ou

Agosto para que a plantação se venha a realizar no início da estação das chuvas.

Os cuidados culturais, nesta fase da cultura, limita-se às frequentes regas e mondas e a pulverizações com um produto à base de cobre, dada a alta susceptibilidade destas plantas em face de ataques dos fungos causadores do «dumping off»; caso surjam algumas pragas é conveniente fazerem-se pulverizações com um insecticida. Quando as plantinhas têm 15 a 20 cm de altura estão em condições de serem plantadas no lugar definitivo.

Em vez da técnica citada pode usar-se uma outra mais complexa, mas que origina um viveiro de plantas mais homogêneas, que se reflectirá numa melhor cobertura do solo e numa maior produção.

As sementes, em grande número, são dispostas em canteiros bem preparados e adubados (seminários), em sulcos rasos, espaçados de mais ou menos 5 cm, mas de forma a que não resulte uma superpopulação, devendo ser cobertas, em seguida, com cerca de 1 cm de terra fina.

A germinação inicia-se passados 15 a 20 dias, completando-se ao fim de 40, altura em que deve haver 70-95% de pegamentos.

Quando as plantinhas têm cerca de 5 cm de altura, o que corresponde à existência de 2 folhas verdadeiras, são transplantadas para os sacos de polietileno, nas condições atrás citadas; as plantinhas devem ser retiradas com o auxílio de uma espátula para que não surja qualquer ferimento, já que este poderá dar origem a uma infecção que causará o atrofiamento ou mesmo a sua morte.

4.3 — ESPAÇAMENTO

O espaçamento é função da condução da planta, devendo, contudo, desde que o terreno permita, considerar-se uma distância que facilite a execução mecânica de todas as técnicas culturais necessárias, como limpezas, pulverizações, fertilizações, etc.

Sugere-se, dentro da linha, o espaçamento entre os pés de 4,00 a 5,00 m e uma distância de 3,00 m entre as linhas; neste sistema haverá 600 a 800 plantas por hectare, que, em média, produzirão 5000 kg de fruta.

No Quênia chegou a usar-se o espaçamento de 6,00 x 3,00 m e 6,00 x 4,50 m,

posteriormente substituído por 1,80 x 3,00 m em virtude de fortes ataques de fungos.

Tal facto induz a ideia de que na agricultura se deve partir de dados considerados médios e após subseqüentes estudos de campo adaptar tais dados à ecologia do meio.

estrela adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Produção máxima por 5,5 milhões em espaço
Matéria orgânica (%)	20 a 30	
Matéria orgânica (%)	20 a 30	
Alumina total (%)	2,0 a 5	
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	2 a 5	
Potássio K ₂ O (%)	1,5 a 3	
Carbono (%)	30 a 50	
pH	6 a 7	

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS

Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 53386 Adubos P
Tel.: (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viziato 3500 VISEU

50kg KILOS

Número de pés por hectare, em função do espaço adoptado:

DISTÂNCIA EM METROS	3	4	5	6
1,5	2000	1500	1200	1000
2,0	1500	1125	1000	750
2,5	1200	1000	720	600
3,0	1000	750	600	500
4,0	750	560	500	375

4.4 — SISTEMAS DE CONDUÇÃO

Há vários sistemas de condução para esta trepadeira, sendo os mais utilizados a condução em T, a latada e a espaldeira.

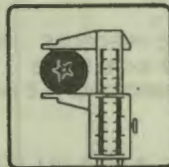
Quando se emprega a condução em T, as distâncias entre as extremidades das barras dos TT nunca deverão ser inferiores a 2,00 m, enquanto que os postes centrais devem ficar espaçados no mínimo de 3,00 m. Empregando-se barras horizontais com mais de 0,90 m deve aumentar-se o espaçamento entre as linhas dos postes, para sempre se manterem 2,10 m entre as extremidades da barra.

A latada calu praticamente em desuso não só pelo seu elevado custo, como também por dificultar, e consequentemente encarecer, as técnicas culturais e os tratamentos fitossanitários da cultura.

A espaldeira é o sistema mais usado e o que melhor satisfaz às características desta planta. Consiste numa série de postes verticais onde se apoiam um, dois ou três fios de arame a alturas diferentes. O alinhamento dos postes deverá de preferência ser dirigido no sentido norte-sul, de modo a proporcionar a maior insolação possível às plantas.

(Continua no próx. número)

CALIBRADORES DE FRUTA



MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33683

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

A AMA ROSA

Ia a caminho dos onze anos quando o pai ficou esmagado por uma árvore acabada de abater. A mãe, mulher enérgica e decidida, passadas as primeiras horas de dor e de lágrimas, enxugou os olhos, cobriu-se de luto e deitou contas à vida. Ficavam-lhe três filhos para criar e, como única fonte de rendimento, o seu salário de jornalista. Não chegava. Embora lhe custasse, era indispensável tirar da Escola a filha mais velha e pô-la a servir. Já quase com onze anos, e bem «puxada» no serviço doméstico, depressa lhe arranjava casa. Sempre era uma boca a menos a sustentar e uns tostões a mais a entrarem todos os meses. Foi falar com a professora, que ouviu, contristada. A Rosa era uma das suas melhores alunas; era pena, por pouco tempo, não fazer o exame, sempre ficava com o seu diploma. A mãe foi irredutível — a Rosa não voltaria à escola. Depois de falar com o marido, também professor, a Mestre avançou uma solução: estava à espera do segundo bebé e a sogra iria ter dificuldade para fazer a lida caseira e cuidar das crianças. A Rosa podia ir para sua casa. E foi. Ajudava nos serviços domésticos, tomava conta do menino. À noite, a Mestre tomava-lhe as lições e preparava-a para o exame da 4.ª classe, que fez com distinção. O segundo bebé nasceu. A Rosa foi sua ama dedicada. Carinhosa e paciente, os meninos queriam-lhe como a uma outra mãe.

Ora estava a Rosa com dezasseis anos, foram os patrões transferidos para o Porto. Quiseram levá-la e ela bem que ia com os «seus» meninos, mas a mãe impôs-se: «queria a filha ali ao pé, que a vida nas cidades era vida de perdição»... Foi então servir em casa da Fidalga do Solar, senhora viúva e bondosa que vivia muito só, pois o único filho estava em Coimbra, a «estudar para doutor». Chegaram, porém, as férias grandes e ele regressou.

Rapaz vivído, logo se interessou pela Rosa, muito grácil e fresca na sua juventude sem mácula. Ingenuamente, ela deixou-se deslumbrar por aquele moço bem parecido, quase doutor, que lhe dizia coisas tão lindas. Um dia, Rosa sentiu que estava grávida. Logo que ele chegou a casa, contou-lhe a notícia com inocente alegria. Mas a reacção dele foi brutal. Irado, gritou com ela, insultando-a e mandando-a imediatamente «desfazer isso», que ele não queria casar-se, muito menos com ela, que foi apenas uma brincadeira sem futuro. Ela ouvia, sãderada, sem uma palavra, sem um gesto. Soou então, grave e segura a voz da patroa que, da porta, tinha assistido a toda a cena: com extraordinária firmeza, ordenou ao filho que fosse tratar dos papéis para o casamento, pois na sua família os homens sempre souberam honrar os seus compromissos. Ele, reticente, escusava-se: «Que ainda era muito novo, faltava acabar o curso, fazer a «tropa», etc.» Subitamente, Rosa endireitou-se, magnífica de dignidade: — «Não minha Senhora, muito obrigada, mas agora quem não quer casar-se sou eu! Não quero um marido por obrigação. Só lhe peço o favor de mandar recado à minha Mãe, para me vir buscar hoje mesmo».

A mãe veio. Chorou, insultou-a, quis bater-lhe. «Que vergonha! Que falatório vai

ser na freguesia! Que escândalo!» Com uma grande serenidade, Rosa respondeu: — «Não se preocupe, minha Mãe, que eu não a envergonharei. Ninguém precisa de saber na aldeia. Eu vou a casa buscar as minhas coisas e amanhã de manhã parto no primeiro comboio para o Porto, ter com os meus antigos patrões. Lá terei o meu filho e, se a Mãe quiser ver-me, vá lá, que eu aqui não volto».

Chegada à cidade, os antigos patrões arranjaram-lhe casa numa família com três meninos, todos pequeninos. Lá esteve até ter o seu bebé, uma menina, e para lá voltou depois de a ter entregue a uma ama.

Mais tarde essa família foi para a África e a Rosa passou para casa de uma outra família, com quatro meninos para cuidar. Aí esteve até a sua filha fazer a 4.ª classe. Depois, era preciso pô-la a trabalhar, já que não podia dar-se ao luxo de a manter nos estudos.

Aceitou, então, lugar numa casa antiga, nos arredores da cidade, onde viviam duas irmãs, senhoras de bastante idade, que a troco de um ordenado mais modesto, lhe permitiram levar a filha consigo. Foi o período mais feliz da sua vida, um período de intensa alegria. Ela, que tinha criado tantos meninos, teve só então a felicidade da presença da sua própria filha. Às vezes, noite alta, ficava acordada a ouvir o respirar compassado da sua menina, com um leve sorriso a pairar-lhe nos lábios.

No fim da rua, havia uma modista, que aceitou a pequena como aprendiz. O tempo foi passando, a menina tornou-se uma adolescente bonita, a mesma beleza frágil e delicada da mãe. Para esta, começava as angústias. Ia espreitá-la até a ver entrar no «atelier» e esperava-a ao portão à hora da saída. Um dia, viu-a a falar com um rapaz, que saía de casa da modista quando a moça ia a entrar. À chegada, crivou-a de perguntas: «Quem era o moço, que fazia ele no «atelier». Era o filho da patroa, que, acabado o serviço militar, andava à procura de emprego. Ficou em pânico. Já via repetir-se na filha o seu drama. Proibiu-a de lhe falar, quis tirá-la do trabalho, redobrou a vigilância, nem à Missa a deixando ir só, até que um dia o moço procurou-a: «Tinha arranjado emprego num escritório e vinha pedir licença para namorar a filha, que logo que tivesse junto o suficiente, casariam». Acedeu, mas sempre desconfiada. Ao domingo, acompanhava-os ao cinema, à praia, até a um simples passeio pelas ruas.

A filha casou. Quiseram que fosse morar com eles. Recusou. Enquanto pudesse trabalhar, não viveria às sopas de ninguém. Pouco depois, uma das patroas faleceu. A outra fechou a casa e foi morar para Lisboa. Rosa voltou ao que era mais grato ao seu coração: criar meninos. Esteve numa casa com quatro (dois nasceram depois dela lá estar). Depois, criou, noutra casa, mais duas meninas e na última casa onde trabalhou, um rapazinho e duas meninas.

Entretanto, a vida começou a estar difícil. A filha teve de se empregar para ajudar o marido e ela, embora com muita pena dos «seus» meninos, foi forçada a despedir-se e ir para casa da filha, cuidar da lida doméstica e dos dois netos.

O tempo passou. Os netos cresceram e

casaram. Cada um tem seu bebé. Agora, com setenta anos já cumpridos, é a velha Rosa quem está a criar os bisnetos. Aqueles braços, afeitos toda uma vida a embalar, podiam lá estar muito tempo vazios!

E — quem sabe? — quando chegar a hora da Ama Rosa transpor o limiar da Eternidade, talvez um anjo mais pequenino e ternurento, venha aconchegar-se, mimalho, no seu regaço maternal...

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
José Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

ESPOSENDENSES ILUSTRES

Foi nomeado Comandante Chefe das Forças Armadas da Madeira o nosso prezado amigo Brigadeiro António Ferreira Rodrigues de Areias, que já tomou posse do cargo.

Também foi nomeado Director Geral das Telecomunicações o nosso ilustre assinante Eng. José Gonçalo Ferreira Areia.

Sem dúvida que Esposende deve sentir-se orgulhosa pela distinção concedida a estes dois conterrâneos.

Desejamos bom êxito nos novos cargos.

CLUBE FÃOZENSE

Só após seis Assembleias Gerais, foi possível arranjar direcção para o Clube Fãozense.

Está indigitado para presidir aos destinos do Clube Américo Carvalho que é aliás um habitué da casa.

Seria bom actualizar os estatutos na parte respeitante às eleições. Com efeito regimentalmente as eleições efectuam-se em Agosto e a tomada de posse só se realiza no fim do ano. Ora isto aconteceu por causa da colónia balnear. Hoje poucos banhistas são sócios. Toda a gente concorda que é preciso modificar os estatutos mas ninguém dá um passo.

HOMENAGEM A FLÁVIO GONÇALVES

No dia 1 de Dezembro a Câmara Municipal prestou justa homenagem a um dos seus filhos mais ilustres: o dr. Flávio Gonçalves que foi docente na Escola Superior de Belas Artes e na Faculdade de Letras do Porto.

Estudioso da arqueologia e da etnografia, investigador criterioso e atento da história local, consagrou-se sobretudo como reputado historiador da arte portuguesa nos séculos XVII e XVIII.

Não nasceu em Fão mas tinha sangue fangeiro pois sua mãe é nossa conterrânea e seu avô foi António José da Costa, primeiro comandante dos bombeiros locais.

Viveu entre nós vários anos e aqui fez os estudos primários.

Cremos que o seu primeiro artigo sobre história local tem por tema as siglas da porta da Senhora da Bonança, porta esta que se encontra actualmente no Museu da Póvoa de Varzim.

Foi-lhe atribuído o nome de uma rua na Póvoa de Varzim em cerimónia que decorreu às 15,30 horas de 1 de Dezembro.

Nesse mesmo dia realizou-se uma Sessão Solene nos Paços do Concelho de sua cidade e berço onde o dr. Agostinho Araújo, da V.P., fez a evocação do homenageado.



APÚLIA

À ATENÇÃO DA E.D.P. — Chama-se a atenção da EDP para o seguinte: No lugar da Areia, concretamente no enfilamento da Rua do Pínhal com a Rua da Ponte Nova, foi construída uma «cabine» de transformação de corrente eléctrica. A finalidade seria melhorar a corrente eléctrica de toda aquela vasta zona abrangente.

Já lá vão, cremos, quase dois anos, e até hoje ainda só lá continuam, as paredes. O resto, há-de vir. E quem esperou até aqui também espera mais algum tempo... Há populações prejudicadas? Há ainda agremiações desportivas a sofrerem prejuízos materiais e desportivos? Isso pouco importa para os bem instalados na vida. É essa a filosofia de quem pode decidir. E, como não vivem ali...

★

Na Rua do Cruzeiro, do largo com o mesmo nome até ao cruzamento da Rua do Açude, encontram-se fundidas algumas lâmpadas da iluminação pública, há meses. Parece que a Junta de Freguesia já terá alertado a EDP para este estado de coisas mas pelos vistos, em vão. E a Rua do Cruzeiro é uma via de intenso trânsito de residentes e de muitos que têm que por lá passar.

Em contrapartida, diz-se, terão sido colocadas lâmpadas novas, em locais onde poucas pessoas vivem. Atrás de mim virá... Ainda a «gente» se queixava dantes, da Câmara...

Que bom assunto para as diversas listas candidatas à Autarquia local.

FUTEBOL — O último resultado: Necessidades, 0 - Apúlia, 3. Anteriormente, em Apúlia, G. D. Apúlia, 1 - Louro, 0.

O Grupo Desportivo de Apúlia está a fazer uma boa carreira desportiva, o que não espanta, dada a reconhecida valia técnica dos seus jogadores.

Com um jogo a menos, o nosso representante comanda a classificação da sua série.

Mas nem tudo são rosas. Ainda há pouco, num dos últimos desafios, um atleta do Apúlia, o Jorge Campos, fracturou uma perna, o que desde logo ocasionou dois prejuízos: o prejuízo da falta da sua valiosa colaboração à equipa, e o prejuízo material que o acidente ocasionou ao Clube.

Mas o mais prejudicado, convenhamos foi o Jorge Campos.

Os nossos desejos do seu rápido restabelecimento.

ESPORÕES — O assunto, dava «pano para mangas». Se por um lado beneficiam, por outro lado também prejudicam. Com a particularidade, de prejudicar a quem não beneficia. Veja-se o que se está a passar nas «Pedrinhas» ainda há pouco uma praia ampla, hoje, quase completamente destruída. De nada vão valer as toneladas de pedra que agora estão a colocar para a sua defesa. O mar, no seu curso natural, a sul do esporão, já entrou pelas dunas dentro uns bons metros.

Do lado norte, os benefícios são visíveis a olho nu. Mas quem beneficia deles?

Quando foi construído esse esporão, alertamos para os prejuízos que ele iria inevitavelmente causar a Apúlia, nas praias das Pedrinhas e Cedovem. Eles aí estão. E não foi necessário esperar muito tempo.

As populações da zona «acordaram» agora. Só que o que está feito, feito está.

Para agravar ainda mais este estado de coisas, diz-se por aí que o mesmo esporão vai ser aumentado em algumas dezenas de metros. Aí, será o fim das Pedrinhas e de Cedovem, como praias.

Que, quem de direito, enquanto é tempo, faça tudo para impedir mais este atentado ao património de Apúlia.

ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS — A campanha (que para alguns quadrantes políticos já tinha começado antes de começar) já começou de facto. As ruas e os placards já estão cheios de propaganda. Apregoa-se a «bondade», a competência, a seriedade, a obra feita dos políticos; as pessoas desdobrando-se na sua militância política: comício, aqui; comício ali. Tudo e todos colam cartazes, entregam propaganda,

oferecem desdobráveis, colocam panos nos lugares estratégicos. A eleição é já amanhã e é preciso trabalhar, convencer, conquistar, que o tempo urge e o partido exige. Para trás ficaram as «transferências», as mudanças estratégicas, os abandonos. E tudo isto pelo bem do próximo, para bem do próximo. Agora são as promessas, as censuras, as críticas, os apelos, as pressões, as influências. Não estamos numa democracia pluralista? E por um voto se ganha. Por um voto se perde. E perder ninguém quer. Há animação nas ruas, nas pessoas. Há alegria. Há folclore.

No caso concreto de Apúlia, que cada eleitor faça livremente a sua opção de voto. Que cada um dos apulienses veja quem melhor os pode servir a nível local e também a nível concelho. Felizmente, nós apulienses, temos muito por onde escolher. Que cada eleitor apuliense se convença que o seu voto pode ser determinante no processo (ou no retrocesso) da sua terra e do seu concelho nos próximos quatro anos.

CANTO

Quando nasci, nasceu também comigo o terno rouxinol da minha aurora; Era na Primavera o doce amigo, Cantava no meu peito a toda a hora..

A Primavera da existência tem A música do mundo num violino, O aroma dos jardins numa cecém, A meiguice da gente num menino.

Cresci, mas o meu canto da alvorada Chega à gargante, não tem arrebol, Diluiu-se em minha alma amargura Onde outrora morou o rouxinol.

Escuto da janela humanas aves, Felizes a cantar pelo caminho... No ar espalham músicas suaves, Tornando o céu azul, da cor do linho.

Já no Outono da vida a meditar, Nas suas dores e no seu encanto, Posso dizer-vos, quase que a chorar: — Com voz mais rouca, mas ainda canto.

DINIS DE VILARELHO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO